O CRISTÃO SOCIALISTA | Luiz Marques

05/04/2021

***"Os que lutam toda a vida são imprescindíveis." –* Bertold Brecht**

O jornal Valor Econômico, no encarte das sextas-feiras (26/03/2021), publicou uma bela reportagem sobre o trabalho do Padre Júlio Lancellotti, Coordenador da Pastoral do Povo da Rua da Arquidiocese de São Paulo. Lancellotti lida com os "*miseráveis descartáveis, pessoas destruídas, esfarrapadas, mães com crianças de colo, doentes, LGBTs, gente em idade de trabalhar, mas que perdeu completamente a esperança de conseguir um emprego, é um desalento"*. Pessoas que só são lembradas pelas autoridades municipais quando estorvam o eugenismo racista, na acepção étnico-social, da paisagem urbana ou atrapalham o tráfego como o operário nos versos poéticos de Chico Buarque.

Pessoas que a primeira-dama da capital paulista, Bia Doria, aconselhou a não doar marmitas "*porque gostam de ficar na rua*". As doações serviriam de estímulo (sic) à marginalização. Há 35 anos, com chuva ou sol, o sacerdote desmente o dito preconceituoso. Entre os preconceitos está o de que a maioria dos desabrigados é oriunda do Norte e Nordeste. Não é. "*A maioria que dorme ao relento é do Sudeste*". Acrescenta, com base na experiência: "*São muitos os problemas que levam alguém a abandonar tudo e viver ao léu… A ausência de vínculos familiares, a perda de entes queridos, o desemprego, a violência, a perda da autoestima, o alcoolismo, o uso de drogas e doenças mentais… A pessoa até chegar na rua paga um preço, há perdas, algumas irreparáveis*". Parafraseando Mario Quintana é preciso "*pagar a pesada moeda*", antes de vagar como pedinte por aí.

Sobre dar ou não dinheiro aos que vivem em estado de vulnerabilidade, afirma que não há cartilha que ensine o que fazer. "*Segue a pedagogia do olhar*", diz. "*O importante é se despir de preconceitos e se aproximar, mas sem ingenuidade, e de fato se mostrar interessado, perguntar como se sentem. O principal é a qualificação humana para perceber o outro*". Significa procurar no olhar dos desvalidos a humanidade do *ser*, não a ostentação de *ter* como se desfilasse frente às vitrines iluminadas do *shopping center*.

A sociedade de consumo mergulha os precarizados no breu da *invisibilidade* e, em contrapartida, afunda na *cegueira* os que se perdem no labirinto das mercadorias que fomentam desejos de posse insaciáveis, angustiantes e geradores de alienação. "*Perder a vista e a visibilidade é abandonar a claridade para entrar na escuridão do Hades* (o deus do mundo inferior, o deus dos mortos)*: a caverna platônica, a metrópole contemporânea… onde os olhos 'olham sem ver' e os indivíduos não têm consciência de si*". A figura dos ofuscados pela penúria, carentes do brilho mercadológico que empresta *status social*, sacode as personas "*do sonho narcótico do século – o consumo identificado à felicidade, o desenvolvimento técnico desacompanhado de recursos morais, os genocídios, as guerras*", denuncia com argúcia Susan Buck-Morss (A Dialética do Olhar, 2002).

Não raros, despertam agressivos do estupor. Volta e meia o noticiário revela atrocidades cometidas contra os que penam uma *situação de rua*. Ilustração do horror na *n* potência: "*Grupo de jovens, ao final de uma festa em Brasília, ateou fogo em dois moradores* (ops) *de rua*" (O Globo, 25/02/2012). Moradores? Possuem um teto, não é o caso.

A aversão que amiúde a classe média experimenta em face dos *sem teto* é uma reação instintiva à recusa inconsciente que, aqueles, sinalizam ao seu *universo de sonhos*. Sob as condições do capitalismo, segundo Walter Benjamin (Livro das Passagens, 1927-1940), os processos de *urbanização* e *industrialização* trouxeram um *re-encantamento* ao mundo social, através da reativação dos antigos *poderes míticos*. Poderes consubstanciados nas mercadorias expostas nos centros comerciais. O *desencantamento*, observado por

Weber no princípio do século 20, pela hegemonia da *razão* e da *ciência* em detrimento da *religião*, haveria se desfeito com a produção em série de *nouveautés*. O sagrado deslocou-se para um consumismo ostentatório com a função de reestabelecer os adereços de distinção social que, no Ancien Régime, provinham de títulos de nobreza. Agora, do consumo.

O título de distinção de Lancellotti é o *amor ao próximo.* Todas as manhãs empurra um carrinho de supermercado, com mantimentos. A máscara, com filtros cor de rosa, para se proteger do vírus, foi presente do Consultório da Rua. O avental, com um santo estampado e o rosário no bolso: "*Além da proteção, traz uma reflexão teológica, é vestimenta usada para servir o outro*". As refeições, *servidas* no pátio da paróquia São Miguel Arcanjo, atendiam com café matinal duzentos corpos famintos. Com a pandemia o número multiplicou-se por quatro, e os voluntários escassearam. Por ora as refeições ocorrem no Centro Comunitário São Martinho, em parceria com a Prefeitura. "*Parece campo de refugiados."* Prova de que "*a barbárie* (a falta de civilização) *acompanha como uma sombra a modernidade capitalista*", sublinha Michael Löwy (Critique Communiste, hiver 2000).

O café com leite, pão francês, suco, fruta e bolo para setecentos necessitados diários tem a trilha musical de uma flauta doce tocada por um morador de rua vindo de Osasco. Ouve-se, invariavelmente, a Romaria, de Renato Teixeira: "*É de sonho e de pó / o destino de um só*…" Para muitos será o único alimento na dura jornada que inicia. Um funcionário faz a contagem e acena com uma placa. "*Me dá arrepios cada vez que escuto a voz dele, quando chega perto de setecentos então*…" Dói nele a dor de outrem, como um punhal. Faz sessões de psicanálise: "*Nem sempre consigo comparecer, mas gosto de conversar*". Pergunta: "*Conhece São João de Deus? Foi precursor da humanização na psiquiatria*."

Formado em Teologia e Pedagogia, e sem tempo disponível para completar os estudos com um Doutoramento, Lancellotti acredita que a maior parte dos brasileiros não ultrapassa o *segundo* dos quatro períodos de desenvolvimento cognitivo formulados pelo psicólogo suiço Jean Piaget. A saber:

1) *sensório-motor*, de 0 a 2 anos, com inexistência de representações e imagens dos objetos do entorno da criança;

2) *pré-operatório*, de 2 a 7 anos, com uma visão egocêntrica do real que tem por referência o próprio eu;

3) *operações concretas*, de 7 a 11 anos, com declínio do egocentrismo intelectual e certa ascensão do pensamento lógico;

4) *operações formais*, 11 a 16 anos, quando o adolescente adquire condições de elaborar conceitos éticos como liberdade e justiça.

O grosso da população relacionaria-se com a realidade a partir de uma perspectiva pessoal, com símbolos e palavras restritos. "*Vermelho? É de comunista. Rosa? É de menina.*"

Arremata: "*O fundamentalismo religioso, seja da Igreja Católica ou da Evangélica, têm infantilizado a fé. Deus não é todo-poderoso, Ele é misericordioso, amoroso. Solidariedade e compaixão não são dimensões religiosas, mas humanas. Tem ateu mais solidário do que religioso. A religião não é um fim em si, e nós estamos em um processo acelerado de desumanização*". A fonte de sua sabedoria remonta aos ensinamentos empáticos da Teologia da Libertação. Com 72 anos, vacinou-se com os em *situação de rua* com mais de 60, incluídos na lista de prioridade para a imunização. Enfim, em algo *incluídos*. Na internet, no ínterim, viralizava a campanha para que fosse o primeiro a ser imunizado em São Paulo, em consideração à relevância de seu trabalho pastoral. Não aceitou, *por supuesto*.

Opera sozinho as redes sociais em que participa, tendo mais de quinhentos mil seguidores. Com a eleição de Jair Bolsonaro, viu aumentar o volume de ameaças. "*Depois da posse, em janeiro, é tiro na cabeça*". Um deputado com *complexo de vira-lata*, do Patriotas, atacou-o nas redes com o epíteto de *cafetão da miséria* para ver o estouro do gado, que também voltou-se contra o *defensor dos fracos e oprimidos*. As agressões não são novidade. Quando dirigia a Casa da Vida, entidade beneficente criada para amparar pequenos(as)

portadores de HIV, em abandono ou em orfandade: "*Um carro subiu na calçada para me atropelar. Uma médica me processou dizendo que um mosquito poderia morder uma criança doente e levar o vírus à residência dela*". À época no PT, Luíza Erundina apoiou-o: "*Luíza foi muito amiga das* crianças *da Casa, especialmente de Daniel, um menino fraquinho, nem levantava. Ela foi ao enterro dele*." Com a propagação da Covid-19 não seria possível.

No início de 2021, ganhou as manchetes ao quebrar com marretadas blocos de pedras instalados sob um viaduto da cidade. A ação surtiu efeito. Os pedregulhos foram retirados e, na Câmara Municipal, apresentado um projeto que coíbe iniciativas de arquitetura hostis e higienistas para expulsar os indesejáveis de um local. Pena a moda não haver espraiado-se por outras metrópoles. Persiste nas administrações governamentais o viés do higienismo no Brasil, herdado de uma concepção saneadora de meados do séc. 19, com paralepípedos, cercados de cimento e repressão policial para impedir a instalação dos *Irmãos de rua:* expressão que São Francisco empregaria ao descrever o cenário desumano que as elites tentam esconder desde priscas eras. Cercas delimitam o espaço público.

É de lamentar que, ao final da mencionada reportagem, a repórter tenha se rendido à lógica da *democracia de opinião* midática à procura de diatribes políticas para lucrar com *les scandales journalistiques.* Questionado sobre a posição da Igreja sobre o aborto, respondeu: "*Sou contra a morte do feto, mas também contra a morte social dos pobres. Não adianta defender a vida intrauterina e depois que a criança nasce não se importar mais*".

Sobre a decisão do Vaticano de tratar como pecado a união de pessoas do mesmo sexo e negar que padres possam abençoá-los, respondeu: "*As mudanças não acontecem porque eu quero, são processos que se dão na história*." Ao ser perguntado por que não daria benção se é tão solidário ao segmento identitário LGBTQIA+, retrucou com paciência. "*A gente sabe antes de entrar no jogo quais são as regras. O religioso estaria rompendo com uma disciplina que assumiu*." A democracia de opinião, que tolera e legítima quaisquer estultices, inclusive as que confrontam a ciência (a Terra é plana, antivacinação, superioridade de gênero e raça, as formigas transmitem o coronavírus…) não compreende, com efeito, que é a práxis cotidiana que explicita quem somos. Isso deveria fechar a matéria.

O Padre Júlio Lancellotti é um *Cristão Socialista,* da linha dos fundadores do *cristianismo.* Daqueles que Rosa Luxemburgo no ensaio "El Socialismo y las Iglesias" (Obras Escogidas, 1979) comparou com os melhores representantes do *socialismo*. Companheiro de passos caridosos e firmes na caminhada, com objetivos generosos na chegada, esse peregrino do Estado de Bem-Estar Social ilumina com sensibilidade e luz magnânimas a utopia civilizatória que alimenta nossa fé no futuro: um mundo igualitário e solidário. Ao seu lado sentimo-nos grandes, fortes, acolhidos, humanizados. Não duvidemos, aliás, que, movido pela humildade, abdique tanto da qualificação de *bom* cristão quanto de *bom* socialista, alegando que com sacrifício busca ser um simples *servo* de Deus e dos Irmãos de rua. *Ecce homo* que luta toda a vida é imprescindível. Amém! Até à vitória, sempre!

- ***Luiz Marques*** é professor de Ciência Política, UFRGS.



Compartilhe nas redes: